De Riot Grrrl a Girlboss - Sobre «Girl on girl», de Sophie Gilbert

Hugo Filipe Lopes aka Cobramor · 09.06.2026

ECONOMIA · CULTURA · POLÍTICA

Os anos 90, cinzelados pelo tradicionalismo e o voyeurismo, parecem ter ficado para trás. As mulheres do rock foram postas de lado pelas da pop, mais jovens e menos opinativas, da mesma forma que as top models deram lugar a modelos heroin chic em subserviência absoluta.

Tudo o que é velho parece novo outra vez.

Perante a descontextualização do real, as narrativas bafientas surgem como inovações individuais encarnadas por machos latinos com roupas *hipster* coloridas, cujo interior é tão cinzento como o céu da Londres da revolução industrial visitada por Orwell.

Essa morte do contexto é alimentada por um pós-feminismo, mais idêntico ao apocalipse do que à revolução, sustentado no individualismo e num hedonismo reduzido à vertente consumista, onde a pornografia é a modeladora da visão do mundo e das relações, a partir da reificação masturbatória do Outro.

O nosso presente ainda é o do eterno retorno, depois de um período de aparente graça, onde os anos 90, cinzelados por duas forças opostas, o tradicionalismo e o *voyeurismo*, pareciam ter ficado para trás. Com eles, o tempo em que as mulheres do rock foram postas de lado pelas da pop, mais jovens e menos opinativas, da mesma forma que as *top models* deram lugar a modelos *heroin chic* em subserviência absoluta. Também o *Girl Power* das Riot Grrrls, cooptado pelo mercado, devolvido somente como mercadoria desbravadora do caminho para a autorrealização, aliado à glorificação da misoginia no *hiphop* , depois da sua despolitização, está de regresso, na era *Girlboss*.

> O nosso presente ainda é o do eterno retorno, depois de um período de aparente graça, onde os anos 90, cinzelados por duas forças opostas, o tradicionalismo e o *voyeurismo*, pareciam ter ficado para trás.

É este o ambiente descrito por «Girl on Girl», o último livro de Sophie Gilbert, redactora da publicação *The Atlantic*, onde cartografa, de forma irrepreensivelmente rigorosa, o trajecto desde o início deste século, quando nasceu a cultura *porno gourmet*, até às actuais autocracias culturais da dominação masculina.

Sophie apresenta Terry Richardson como a inauguração desse momento, em que a pornografia beneficiou de um *rebranding* enquanto forma de arte. Assim, foi concedida à elite da moda a validação dos gestos

misóginos, habitual e erradamente associados às classes baixas, para quem a emancipação apenas chega quando estão ajoelhados em reza, em felácio ou ambas.

> Sophie apresenta Terry Richardson como a inauguração desse momento, em que a pornografia beneficiou de um *rebranding* enquanto forma de arte.

A reprodução da pornografia enquanto manual de normas para a esfera da cultura em toda a sua latitude não lhe deixou outra hipótese a não ser avançar as suas fronteiras para territórios cada vez mais extremos, num claro paralelo com a deslocação do centro político para a direita.

A partir daí, a comédia «American Pie» surge como um evento de reciclagem da fixação pela cultura adolescente, numa sociedade hipnotizada por uma forma de sexualidade e de juventude em que todas as mulheres estão obrigadas a ser desejáveis e os homens a ser invejáveis. Esse é um dos pontos de partida sugerido pela autora para a análise da cultura misógina dos anos 90, onde o sexo é apresentado como um inalienável direito masculino, negado pelas mulheres e, com ele, qualquer possibilidade de redenção.

Sophie tece minuciosamente essa tapeçaria de efemérides culturais, aparentemente irrisórias, esquecíveis e isoladas, representando em conjunto a cristalização da moral *porno* no universo *pop*.

Também os *reality shows* representaram uma solidificação dos vários estereótipos femininos que, no fundo, redundam no costumeiro binário virgem/prostituta, desaguando inevitavelmente na realização do desejo masculino. Essa auto-sujeição a ser mero veículo de concretização surge travestida do cumprimento da profecia de Warhol sobre os 15 minutos de fama, onde a sua condição basilar é aceitar a lama, sabendo que nenhum lótus nela florescerá. A partir de e para esse universo, a cirurgia estética como a suprema alienação do corpo alienado para atender à vontade de eternidade numa sociedade sem morte torna-se a única alternativa.

> Sophie tece minuciosamente essa tapeçaria de efemérides culturais, aparentemente irrisórias, esquecíveis e isoladas, representando em conjunto a cristalização da moral *porno* no universo *pop*.

Então, o *bodyshaming new age* fornica desalmadamente com o metaegocentrismo para parir o guia de vigilância de autoaperfeiçoamento capitalista.

Daí em diante, as Kardashians são a viragem da autoaceitação das mulheres para ponto de fuga em direcção ao velho ardil de vender produtos para emagrecer, restringindo a fórmula vitoriosa às mulheres que cumprem o ideal da construção masculina, reencarnando as características tipo do género.

Ao longo da história contada por Sophie fica claro como o sexo tem menos relação com o próprio acto sexual do que com o mercado, o poder, o domínio e a invasão territorial, cuja coroação foi a metamorfose das celebridades de alvos dos *paparazzi* em sujeitos expostos voluntariamente.

> Ao longo da história contada por Sophie fica claro como o sexo tem menos relação com o próprio acto sexual do que com o mercado, o poder, o domínio e a invasão territorial.

No fim, a única conclusão possível é uma questão em aberto: como distinguir o que realmente desejamos do que nos é apresentado no ecrã?

O autor escreve sem usar o Acordo Ortográfico.